

Licínio Cardoso

Estamos outra vez no tempo das memórias. Há, em nossos dias, o gosto de fazer história, que foi também o de outros séculos. Mas hoje, ainda que a romancemos, queremos a mais sincera; de-se lutar à fantasia, mas não à inverdade. A história verdadeira nunca poderia ser escrita por autores estendidos, homens de talento e de saber, mas a sôdo de nações e de poderosos, não para a estrita observância da verdade dos fatos que lhe dizem respeito, mas para contrafazê-la, no sentido que lhes fosse mais honroso e lhes exaltassem o nome e a memória, sua e de antepassados. Retificam-se, à luz de novas pesquisas e de um novo senso político-filosófico, antigos julgamentos que pareciam definitivos. Tibério, monstruoso, ressurge nimbado das auras de eminente estadista, nas páginas de Ferrero: 'Sua história, entre os vinte e cinco anos, é a de um homem eminente; vida austera, o mais romano dos romanos. Depois, dez anos de prazeres, os únicos de que se lembra a posteridade, sua última imagem deixada no mundo. Entre nós, illustre escritor e diplomata — Leopoldo Teixeira Leite Filho — em Nero Augusto — induz-nos a modificar o definitivo conceito em que temos tido o imperador barba-de-bronze. A Revolução Francesa já não é obra de Rousseau, dos enciclopedistas. O 'caso do colar' — como o analisou o bâtonnier Henry Robert — envolve indagações muito mais profundas do que as que explicam a desgraça do Cardeal de Rohan, taléviano, e a cabeça rolada da não menos leviana Maria Antonieta. Dentro dos quadros históricos nacionais, Castilhos Goycochea, em bem documentado trabalho, exalta os varões illustres da epopeia farroupilha, outrora tão amaldiçoados pelos áulicos da monarquia.

Estamos outra vez no tempo das memórias, para derivar, por instantes, das ásperas preocupações dos problemas da hora em que estamos.

Um nome de passado próximo impõe-nos buscá-lo entre os de sua geração, para as homenagens que todos lhe devemos: Licínio Cardoso.

Quando Licínio Antônio Cardoso, então ajudante de pedreiro, trabalhava na construção do templo de Santo Antônio, de sua terra natal Lavras, no Rio Grande do Sul — poucos, acreditariam que o modesto artífice, poucas décadas mais tarde, seria fundador de um hospital, criador de uma faculdade — e seria muito mais: matemático, médico illustre entre os mais illustres, biólogo, professor e filósofo e chefe de uma família que deu três grandes damas à sociedade e um illustre filho, que o eminente professor Inácio Amaral havia de comparar, por seu saber e talento, a Tavares Bastos, Euclides da Cunha e Alberto Torres.

Não se engañou, no entanto, o venerando vigário de Lavras, Padre José Luís do Vale, que, ministrando o ensino avidamente reclamado por seu modesto acólito, estava certo de que, um dia, por seu caráter e inteligência, viria a ser cidadão conspícuo e intelectual de relevô.

Licínio Cardoso foi também bateador de ouro, tropeiro, caixeiro de mercearia: não lhe faltou a lição experimentada da vida. Nessa quadra venceu o primeiro combate de sua instrução. O segundo seria na Escola Militar, onde ingressou apenas para estudar, por isso que não sentia nenhum pendor ou interesse pela carreira das armas.

Após tantas lutas, depois de lidar em tão rudes officios, ainda havia de suportar agros embates. Viu-se só e abandonado no tumulto da Corte, baldo de recursos, desamparado de quem muito lhe prometera e nada fizera a seu benefício. Enfermo, nas garras da febre amarela, viu-se atirado ao leito de modesto hotel, tendo apenas a minorar-lhe o cruciante sofrimento, principalmente moral, a boa vontade, generosa e compassiva, do hoteleiro.

Órfão de mãe aos oito anos, não lhe amparou os passos de criança a solicitude paterna: Vicente Xavier Cardoso, o pai, partira para os campos do-Paraguai, subindo de soldado a capitão, sempre por atos de bravura.

É lamentável que se haja extraviado a primeira obra de Licínio Cardoso: Memórias de um Calouro, em que daria conta dos sofrimentos por que passou nos primeiros tempos de sua existência de exilado da terra natal.

Mas venceu, como os bravos e os predestinados. Na Escola Militar, de aluno de Benjamin Constant passou a seu amigo, mais tarde apontado por provável sucessor do mestre insigne.

Os irmãos granjearam nome e conceito nos meios intelectuais, civis e militares: a vitória lhes foi fácil e rápida. Licínio, patriota esclarecido, republicano, abolicionista, mais velho, orientava os irmãos. Saturnino atingiria a graduação de general e havia de ser, também, médico de notável saber. Aníbal morreu cedo, depois de agitada vida política.

Faltando a Licínio vocação para a vida militar, não lhe foi difícil perscrutar a que o empolgaria: a catedra do magistério. Conquistou, em memoráveis concursos, duas cadeiras, na Escola Militar e na Escola Politécnica. Para esta, o seu ingresso foi difícil. Seus contentores ostentavam nomes illustres e eram portadores de imensos empenhos: filho de ministro, filho de presidente da Corte Suprema, afilhado da Princesa regente. Apesar de classificado em primeiro lugar, foi tão grande a perseguição, que o próprio ministro de Império procurou demovê-lo de seus inalaváveis propósitos; a insistência poderia determinar a sua exclusão do exército. Mais uma vez Licínio venceu. Reconheceu-o a Princesa Isabel, em palavras ao ministro: 'O Gastão assistiu ao concurso e constatou que o capitão Licínio demonstrou maior saber'.

'Na Escola Politécnica, o feito filosófico de seu espírito aliado à sua cultura especial da matemática superior, acabou permitindo-lhe uma concepção nova da mecânica racional, reagindo contra preceitos pouco lógico dos compêndios clássicos.' Nessa ocasião refutou teorias de Lagrange sobre velocidades virtuais, e de d'Alembert sobre o equilíbrio de forças aplicadas e forças de enérgia.

Simpático ao Positivismo, nutrido profunda admiração por Augusto Comte, a ponto de dizer que a palavra do filósofo era-lhe como que um dogma, não trepidou em recusar opiniões de Comte quando as considerava em desacôrdo com as suas convicções científicas. Autodidata, tinha consciência de seu saber.

E argumenta contra o mestre: 'E aqui apresento-me-me uma dificuldade embaraçosa. É que, para conformar-me com a doutrina fundamental do grande filósofo, devo repudiar a sua maneira de ver neste particular. Augusto Comte, com efeito, chamou também estática, em mecânica, a teoria do equilíbrio, aceitando assim a denominação usada. Eu, porém, opondo a Comte o seu próprio ensino, chamo estática, nesta ciência, o conjunto das leis e instituições que ele, sábiamente, denominou base lógica e base física. Para ficar no rumo indicado pela doutrina do sábio, rejeito proposições que não julgo emanadas dela: eis tudo.'

'Ainda divergindo de Comte, diz o Dr. Licínio: 'O culto portentoso de Comte inspira-me grandíssimo respeito, mas na minha qualidade de humilíssimo professor que sou, não posso ensinar o contrário do que penso, nem creio que seja acertado abandonar um homem a sua razão, para repetir sem meditação própria o que os outros não dizem; contra isto protestam as leis da harmonia mental. Também não julgo imprudente apontar-se o engano em que porventura tenha caído o gênio: errar é tributo dos homens. Errou Aristóteles, errou Descartes, e insanía é julgar infalível quem quer que seja'.

São afirmações que bem definem um homem: o Dr. Licínio Cardoso tinha a audácia de suas opiniões e a coragem, sempre serena, de suas convicções.

O terceiro degrau de sua formação é o alcançado na Escola de Medicina, onde ingressou aos 42 anos; dir-se-ia um jovem, cheio de entusiasmo, lograr as notas mais distintas em todo o curso, até a sua brilhante defesa da tese, expondo, com o habitual desassombro, as suas idéias de homeopatia. Concederam-lhe os Mestres a nota de distinção ao trabalho médico-filosófico: Concepção da Medicina, e pela voz autorizada do Prof. Rocha Faria foi o aluno alvo de elogios não comuns.

A leitura do seu primeiro trabalho sobre medicina deixa-nos a convicção de que, se o Dr. Licínio o valesse em outro idioma que não esse 'túmulo do pensamento' — certamente seria um livro de reputação universal, pela sólida documentação oferecida e admiráveis qualidades de precisão, que tanto contribuem para seduzir a quantos o leiam. É obra que se impõe pela clareza e elegância de estilo, abrindo caminho à natural aridez de assunto.

Vê-lo-emos, agora, na fase de seu apogeu de grande cientista. É o médico por excelência. A sua carreira é brilhante; o consultório é dos mais frequentados e rendosos; o nome, aureolado pela fama de grande clínico.

O médico e a medicina, a homeopatia, estão de contatos feitas: ela lhe deu fortuna; ele a engrandeceu e sublimou.

O Dr. Licínio fêz-nos compreender que as moléstias não são eternas: nascem, vivem, mudam e desaparecem — como as civilizações. Sua história é feita de correções incessantes. A terapêutica evolui; evoluem os sistemas. As moléstias infecciosas, precisamente porque vivem: se metamorfoseiam, dão a certos momentos de sua evolução formas inaparentes, que o Dr. Licínio, como Nicole, viu e comentou. Estas formas não têm nenhum sintoma sensível. Seu estudo, para o médico, o psicólogo e o filósofo abre largos caminhos para as regiões ignoradas do domínio do espírito.

O Dr. Licínio, como médico, pensava como Huxham: não fazia questão de sistema. O fim da medicina é curar; curar é o apostolado do médico. E o Dr. Licínio, muito humano, não podia sofrer, impassível, a dor dos corpos que sofrem. Disse certa vez: 'A minha prática não obedece ao critério alopatá e fuge também, de certo modo, às normas traçadas por Hahnemann para o mister homeopático, achando-me, por isso, numa situação de excentricidade, entre os profissionais. Exerço, no fundo, desde que me fiz médico, a terapêutica hanemaniana, e antes de exercê-la, já em minha tese inaugural, expus e defendi a doutrina homeopática, mas nunca fui ortodoxo, não sou não o ser!'.

Com mais de setenta anos, escreveu Licínio O ensino que aos convém, fazendo, como clínico, uma exposição dos nossos vícios nacionais. Dêle disse o autor: 'Está aí o livro, está satisfeito o meu dever cívico; está livre a minha consciência.'

Dinioterapia autonómica representa uma idéia filosófica estabelecendo a coordenação sobre conceitos vários, postos em circulação, mas tratado originalmente pelo notável mestre de nossa medicina.

Ao fim da existência, o corpo alquebrado pela fadiga nos numerosos anos, ainda desfrutava de invejável mocidade de espírito, para produzir labores com o mesmo brilho do verdor dos tempos. Três fatores contribuíram para essa energia intelectual: a família, a música e o otimismo:

Família — No frontispício de uma de suas obras

lavrou eloquente elogio à esposa, alta e nobre inspiradora dos melhores dos seus trabalhos, desvelada e paciente auxiliar da maioria dêles. Quem não conheceu o recesso de seu lar, poderá pensar em manifestação sentimental de marido afetoso. Mas não há vislumbre de exagero em suas palavras. A esposa, culta e poliglota, era o dicionário vivo a fornecer ao marido, ao longo de seus trabalhos, um significado que ignorava, ou a supri-lhe qualquer falta de memória enfraquecida ou fatigada. E quando se sentia esgotado, transferia-se, de seu gabinete de trabalho, para a sala de música, onde ouvia, na magistral execução da companheira, as melhores páginas de Chopin. O piano substituiu o livro.

Música — Ninguém desconhece que a arte maravilhosa dos sons pode ser considerada um dos mais influentes elementos de conservação da vitalidade. O homem deprimido deve recorrer à música para fomentar a própria energia. O Licínio era assíduo frequentador de concertos dos melhores virtuosos, e nos clássicos da harmonia buscava compensação para os longos e exaustivos trabalhos de seus dias.

Otimismo — Vigoroso, tinha por covardes quantos olhassem a vida com displicência e pessimismo. Obedecia ao mestre Hahnemann no cultivo do otimismo. Repetia aquilo do inventor da Homeopatia ao homem sem espírito e sem filosofia, que se queixava do mau tempo: — 'Monsieur, pour moi, il fait toujours beau!'

E a dois de maio comemorou-se o centenário de nascimento desse homem realmente admirável, grande e lustre brasileiro, que foi filósofo, médico, matemático, professor e escritor.

MEIRA PENNA

